

Sons e gestos que alfabetizam

Iniciativa vale-se de estratégia multissensorial para facilitar alfabetização de crianças, jovens e adultos com dificuldade de aprendizagem. Um passo fundamental para a inclusão social

LUÍS HENRIQUE MARQUES

Nem todos os alunos aprendem da mesma maneira: a maioria utiliza um sentido mais que o outro no processo de aprendizagem, sejam estes a visão, a audição ou o tato. Foi partindo desse pressuposto que a fonoaudióloga e professora Adriana Alcântara Teixeira, de Olinda (PE), em conjunto com outros profissionais, teve uma série de iniciativas que buscam combinar diferentes estimulações (auditiva e visual, visual, tátil, cinestésica/gestual e gráfica), tendo em vista facilitar a comunicação e, por conseqüência, o aprendizado de crianças, jovens e adultos que possuem dificuldade na leitura e escrita, como é o caso de pessoas com certas deficiências como a Síndrome de Down. Essas iniciativas constituíram a chamada estratégia multissensorial.

Adriana Teixeira conta que essa estratégia nasceu de uma experiência de atendimento a Catarina, uma adolescente com Síndrome de Down que, mesmo tendo uma ótima linguagem oral – fruto de acompanhamento fonoaudiológico – não conseguia ler. “Apesar de reconhecer todas as letras do alfabeto, não era capaz de juntá-las formando síla-



Da direita para a esquerda: Valéria Antônio da Nóbrega, sua filha Catarina, e a Prof.ª. Adriana Alcântara Teixeira

bas e palavras, pois facilmente esquecia do que havia aprendido”, relata a fonoaudióloga. Em contrapartida, a adolescente já fazia parte do grupo de teatro Integrarte, o que, segundo a avaliação da terapeuta, contribuiu muito para o seu desenvolvimento (veja quadro).

Assim, com os conhecimentos adquiridos em Londres (Inglaterra) na área de estudos de deficiência e incapacidade na comunidade e experiência anterior com oralização de surdos (quando trabalhou muito com o uso de gestos), Adriana passou a aplicar a estratégia que combinava diferentes estimulações. Entre essas, a auditiva e visual (associação do som ao animal/objeto que o produziu); visual (modo como esse som é elaborado pelos órgãos fonoarticulatórios, tais como lábios, língua e palato); tátil (presença ou ausência da vibração laríngea e ressonância nasal); cinestésica/gestual (gesto que lembra o animal/objeto que produz



A fonoaudióloga Andréa C. Coelho

aquele som), e gráfica (associação do grafema ao objeto/animal, seu som e gesto correspondente).

O tratamento foi realizado com encontros semanais de uma hora. “Ela foi capaz de, em quatro encontros, reconhecer e produzir 16 grafemas isolados, em sílabas, palavras e frases”, conta Adriana. Com facilidade, a adolescente memorizou os gestos e os associou às consoantes, uma vez que não tinha dificuldade com as vogais. Depois, passou a ler

em sílabas, palavras e frases simples. De acordo com a fonoaudióloga, hoje, a paciente é capaz de ler e escrever palavras e frases com sílabas simples e já começou o tratamento com sílabas mais complexas. “Ela tem feito bilhetes para os parentes, cruzadinhas com figuras, enfim, tem utilizado a escrita no seu dia-a-dia”, diz Adriana. Além disso, foi feita uma visita à escola da adolescente, onde foram passadas orientações para dar continuidade no que está sendo feito

na terapia.

Valéria Antônio da Nóbrega, mãe da Catarina, confirma os avanços da leitura e escrita da adolescente. “Aconteceu como um milagre: hoje, ela está concluindo a alfabetização num processo que avança a cada dia”, diz. Para a mãe de Catarina, o efeito dessa conquista repercutiu na melhora de sua auto-estima e na confiança de que ela é capaz. “A crença do ‘não consigo’ foi transformada na crença do ‘eu consigo’”, concluiu.

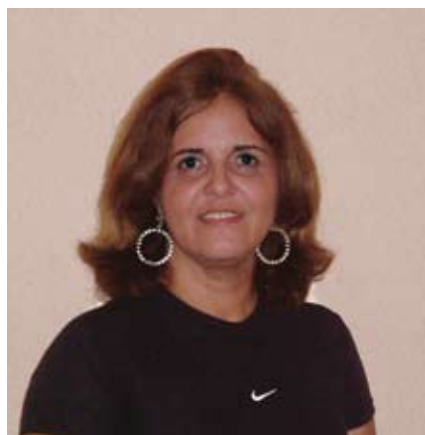
Francisco Edson Garcês Carneiro Lira, o padre Bruno) deram início ao projeto “Sons e gestos que alfabetizam”, que, atualmente, inclui a capacitação de professores. “Entendendo que não é papel do fonoaudiólogo alfabetizar, e sim orientar esse professor, o grupo decidiu capacitar professores da rede pública e privada do Estado”, conta Adriana Teixeira. Para tanto, “juntou-se ao grupo uma amiga, professora de Educação Física, Marta Gonçalves, abordando o lugar que o corpo ocupa na aquisição da leitura e escrita no universo escolar”, completa.

Conforme relata Adriana Teixeira, através dessa capacitação – um curso de 16 horas-aula –, por seu enfoque fonoaudiológico, “o professor terá condições de identificar qual é a melhor forma de ajudar o aluno na alfabetização”. Com efeito, segundo ela, já existe um retorno da capacitação dada a uma primeira turma. “Outros adultos com Síndrome de Down estão sendo alfabetizados pelos próprios professores através dessa estratégia”, além de já estarem programadas mais duas capacitações para o próximo semestre e sendo feitos contatos com Secretarias Municipais de Educação para a formação de novas turmas. Em função dos resultados iniciais da aplicação da estratégia multis sensorial, o grupo de Olinda não só registrou a ideia como já pensa na publicação de um livro que possa melhor divulgá-la.

A fonoaudióloga Adriana Teixeira não esconde o entusiasmo pelas experiências realizadas até aqui. “Para mim, é muito gratificante pensar que uma simples ideia pode ter feito tanta diferença na vida de uma família. Uma vez me emocionei quando a mãe da paciente disse que eu tinha sido um anjo que tinha aparecido na vida dela”. Mais que contribuir para melhorar o nível de leitura, escrita e compreensão de textos, Adriana aposta na iniciativa como um instrumento que favoreça a inclusão social de crianças, jovens e adultos. ■

Capacitação de professores

Das primeiras experiências realizadas no âmbito clínico e na supervisão de estágio no curso de fonoaudiologia, Adriana Teixeira e outros dois colegas profissionais (a fonoaudióloga Andréa Carla Coelho e o licenciado em Letras e mestre em Ciências da Linguagem,



Marta Gonçalves e Pe. Bruno

O GRUPO INTEGRARTE

Nascido em 1997, o Integrarte é um grupo artístico de Recife (PE) que tem como objetivo favorecer a integração de pessoas com dificuldades específicas no contexto social, em particular aquelas com Síndrome de Down, de modo a defender, preservar e fortalecer seu direito ao pleno exercício da cidadania. O grupo foi fundado por familiares de pessoas com essas dificuldades e profissionais das áreas de psicologia, pedagogia e arte. A base do seu trabalho está fundamentada em dois eixos: a informação e a arte.

Inicialmente, o Integrarte nasceu como um projeto cujas atividades se concentravam nas áreas de música, dança e, sobretudo, teatro. Em 1999,

o grupo viabilizou a sua participação no Sistema de Incentivo à Cultura (SIC), do Estado de Pernambuco e, em 2000, iniciou o processo para tornar-se uma entidade independente, o que se concretizou com uma Assembléia Geral Constitutiva em 2001. Hoje, o Integrarte atua tendo em vista dois públicos-alvos: os atores do projeto – pessoas com dificuldades específicas, sobretudo com Síndrome de Down, e adolescentes carentes sem essa condição, todos da região metropolitana do Recife – e a platéia – familiares, professores, profissionais e estudantes que atuam em áreas relacionadas às deficiências físicas e mentais e à arte, e o público em geral.